

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Joana Alves Stedile

O CUIDADO DE SI EM PEREGRINOS DA EJA

Porto Alegre
2º Semestre
2018

Joana Alves Stedile

O CUIDADO DE SI EM PEREGRINOS DA EJA

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia. Orientadora: Profa. Denise Comerlato.

Porto Alegre
2018

Incenso fosse música

isso de querer

ser exatamente aquilo

que a gente é

ainda vai

nos levar além

Paulo Leminski

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Divindade e a Pachamama.

Ao meu companheiro Janquiel por toda parceria e Amor.

À toda minha família, amigas e amigos, principalmente minha mamãe Aida Terezinha Cardoso Alves e papai José Luiz Stedile. À minha grande tia e ao clã da Cinara Vicente; amadas sobrinha Thaís Meinerz e irmã Adriana Alves; hermosa cunhada Fabíola Papini. Aos queridos Rodrigo Franzói e Cecilia Mesquita, e as graciosas normalistas Jéssica Fonseca de Couto, Cláudia Cauduro, Natalia Ferreira, GraziEla, Kayane Rodrigues, RêNata e Ioana Santos, juntamente das maravilhosas Íris de Carvalho e Camila Marcarini! Laura Gutiérrez, uma inspiração, com os fofos Pedro Gusmão e Danico! Abraço especial para Janaíta Prestes, Alessandra Gomes, Fabiana Borba, Gilson Hoff são meus lagoanos preferidos!

Agradeço à minha mestra, professora e orientadora bruxa Denise Comerlato, que com dedicação incansável e afeto, me ensinou muito durante a orientação de meu Estágio Curricular, o meu Trabalho de Conclusão de Curso e em nossos respiros.

Às educadoras e aos educadores de minha jornada. À escola das artes e da magia.

Agradeço às minhas terapeutas Renata Azevedo Gomes, Natacha Monteiro e o Jackson Peres.

Agradeço a minha colega de estágio Carnine Kloch, por toda parceria e carinho. Alegria de ver a conclusão de nosso curso juntas. Algumas colegas sempre levarei no coração como a Graciela Soares, Vanessa Veríssimo, Ana Márcia Anish, Rérian Farias, Tamires Lemos, Priscila Goulart, Joana Ludwig, Ana Schons, Paula Valim, Lucas Carboni, Taís Flôres, Matheus Santos, Aline Miranda, Andriws Porto Alegre, Camila Martins, Ingrid Talita de Oliveira, Lorena Gomes, Evelyn Dias, Evelyn Souza, Amanda Barbosa, Roxa, Fernanda Kalil, Elisa Faller, Gabriela Seibel, Patrícia Moraes, Fernanda Corrêa-Sua Mára e todas(os) que me deram um sorriso.

À toda companheirada de luta, que me ensinou sobre a alegria de acreditarmos que um outro mundo é possível, a gostar de gente, a lutar por todas e todos terem uma vida digna e a ter ternura, gentileza e bondade. Em especial à

Marcha Mundial das Mulheres, por me dar suporte para encarar e resistir ao patriarcalismo, machismo e misoginia e por me dar asas.

Agradeço à Escola Porto Alegre que, com seu comprometimento e resistência, me fez sonhar um futuro com uma educação extraordinária. Especialmente nas figuras do Paulo Gilberto Klein, Renato Farias dos Santos e Maristela Rabaiolli, Emi (Emilaise) e Irene.

Agradeço, a todas as professoras e professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que contribuíram para a minha formação.

Agradeço especialmente a toda população peregrina e estudantes da EPA que me ensinaram muito com sua mandinga e luta por dignidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
1.1 A ESCOLA PORTO ALEGRE (EPA).....	11
1.2 OS PEREGRINOS.....	13
2 O CUIDADO DE SI EM FOUCAULT.....	16
2.1. RESOLUÇÃO DE CONFLITOS.....	19
2.2. COMO ELES CUIDAM DE SI.....	22
2.3. LIBERAÇÃO DO SUJEITO.....	25
3 O CONCEITO DO CUIDADO DE SI DE FOUCAULT E AS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO	29
4 CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE A.....	40
APÊNDICE B.....	42

RESUMO

No presente Trabalho de Conclusão de Curso, aprofunda-se a reflexão sobre as relações dos sujeitos consigo mesmo, a partir do conceito de *cuidado de si* de Foucault (FOUCAULT, 2004, 2006; GROSS, 2008; GALVÃO, 2014), assim como entre os sujeitos, no caso, estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), buscando-se a contribuição deste para a educação (FISCHER; MARCELLO, 2014). Como pesquisa teórica e documental, são realizados estudos acerca do conceito de *cuidado de si* e é analisado excertos do Diário de Classe do estágio curricular da autora, realizado em docência compartilhada, em uma escola municipal de Porto Alegre que atende pessoas *peregrinas* (KLEIN, 2018) - população em situação de rua e/ou de vulnerabilidade social -, na Totalidade II da Educação de jovens e Adultos em 2018/1. O fato da escola ter um público bastante específico lhe gera características peculiares para promover a inclusão, apresentando-se, em seu Projeto Político Pedagógico, como “espaço de acolhimento, organização e socialização de saberes, que atende para além da escolarização formal” (SANTOS, 2018). Faz-se importante salientar que estas pessoas atendidas pela escola, são jovens e adultos com mais de 15 anos que se caracterizam pelo abandono ou rompimento de vínculos familiares, ou seja, se caracterizam por um desenraizamento social e cultural (MARTINS, 1979) gerado sempre por alguma forma de violência, seja física, econômica, psicológica, entre outras. Já em situação de rua, passam a vivenciar outras relações sociais, juntamente com a “cultura da rua”; mas, apesar disso e dentro das suas condições, exercem outras possibilidades “de ser o que se é”. Algumas problemáticas emergidas do estágio que deram origem a esta pesquisa, foram os conflitos cotidianos, o modo de resolvê-los, tanto pela escola como pelos próprios estudantes, e as práticas de cuidado ou não cuidado consigo próprios e com os outros. O desenvolvimento do trabalho ocorre através da análise de cenas significativas selecionadas do Diário de Classe do estágio curricular obrigatório. Por fim, busca-se a contribuição do conceito do *cuidado de si* (FOUCAULT, 2006) para constituir uma prática pedagógica geradora do cultivar-se, avistando as relações éticas, a autonomia e a liberdade, e avivando a *estética de existir* nessa população peregrina.

Palavras chave: EJA. Peregrinos. População em Situação de Rua. Cuidado de si.

STEDILE, Joana Alves. **O *cuidado de si* em peregrinos da EJA**. Porto Alegre, 2018. 43 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

Contato: joana.stedile@gmail.com

1.INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso parte das experiências e reflexões do Estágio de Docência em Educação de Jovens e Adultos¹ (EJA), realizado no primeiro semestre de 2018, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA) localizada no centro da cidade de Porto Alegre/RS, praticado na modalidade de docência compartilhada com a colega Carine Kloh Farias. Apesar de haver uma frequente rotatividade, em média frequentavam a aula oito estudantes, que em idade variava dos 16 aos 55 anos, matriculados em uma turma de Totalidade II (T2), que corresponde a parte dos anos iniciais do ensino fundamental.

Uma das principais características dessa escola inclusiva se dá em torno do público *sui generis* que atende: pessoas que estão em situação de rua e/ou em situação de moradias temporárias, como os abrigos sociais. Isto transpassa todo o trabalho da Educação de Jovens e Adultos em múltiplas abordagens de acolhimento pedagógico, sendo que uma das principais características que se destacou em todo estágio foi a resolução de conflitos e adversidades, tanto por parte dos educadores(as), como da parte estudantil. A resolução de conflitos gerava dúvidas entre todos os envolvidos no processo educativo, dúvidas sobre quais seriam os melhores critérios e valores que deveriam compor a tomada de decisão e sobre quais deveriam ser os encaminhamentos com estudantes e entre os estudantes, e especialmente deles consigo próprios.

Ao buscar fontes teóricas para analisar os desafios enfrentados no campo do estágio, que implicava na relação dos sujeitos consigo próprio e com os outros - problemática elencada nesta pesquisa - selecionou-se do Diário de Classe cenas significativas como ilustrativas destas relações. Buscou-se para o aprofundamento do tema, estudos que trouxessem contribuições para educação, no desenvolvimento da autonomia dos educandos, assim como na relação entre os sujeitos, o que

1 Estágio de Docência obrigatório do sétimo semestre do Curso de Pedagogia, orientado pela professora Dra Denise Comerlato.

envolve a ética, e maneiras de se viver, dessa forma encontrou-se nos estudos de Michel Foucault, mais especificamente em a “Hermenêutica do Sujeito”, o conceito de *cuidado de si*. Desse modo, como pesquisa teórica e documental, são realizados estudos acerca do conceito de *cuidado de si* e são analisados excertos do Diário de Classe do estágio curricular obrigatório da autora.

A escolha de desenvolvimento do trabalho apoiou-se na metodologia da pesquisa qualitativa que para Minayo:

“é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam” (2008, p.57).

Assim se buscou também a pesquisa qualitativa em Godoy (1995) que é considerada por ela da seguinte forma:

Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. (p.21)

Mais especificamente através da pesquisa do tipo documental, sendo que “nesta análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas e/ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tomados em consideração.” (GODOY,1995, p.23). Neste caso, o objeto de análise foram três excertos com cenas significativas do Diário de Classe. Além do Diário de Classe e o Projeto Político Pedagógico da EPA, o conceito de *cuidado de si* de Foucault foi a base de análise, pois “na pesquisa documental, três aspectos devem merecer atenção especial por parte do investigador: a escolha dos documentos, o acesso a eles e a sua análise.” (GODOY,1995, p.23).

Nesta obra, o autor apresenta uma pesquisa sobre a genealogia do sujeito originária das práticas da filosofia helenística e romana antiga que tinham como princípio a *epiméleia heautoû/cura sui*, qual seja, o “princípio de que deve-se

ocupar-se consigo” (FOUCAULT, 2006, p. 597). Para essa consciência ser desenvolvida, ampliada, é necessário uma ocupação regrada de práticas da *cultura de si* que, para o autor, tem a ver com o estabelecimento de uma “...ética da imanência, da vigilância e da distância” (FOUCAULT, 2006, p. 643), por imanência quer dizer que existe um domínio entre a qualidade da sua interioridade em contraste com a sua exterioridade.

A importância do *cuidado de si* na atualidade seria porque aponta um caminho que possibilita liberar o sujeito de técnicas de dominação (poder) e de discursos (saber) que o oprimem. Para tanto, busca aprofundar a sua relação consigo e fornecer armas e coragem para a luta, porque pretende colocar o sujeito em permanente consciência de si e, nesta direção das representações de sua existência, identificar o que depende e o que não depende dele, estabelecendo valores para “[...] ver se somos capazes de reagir conforme estes princípios [...]” (FOUCAULT, 2006, p.611).

Ao analisar as práticas de liberdade e controle, o autor alerta para cuida:

“[...] quando o indivíduo ou um grupo social chega a bloquear um campo de relações de poder, a torná-las imóveis e fixas e a impedir qualquer reversibilidade do movimento - por instrumentos que tanto podem ser econômicos quanto políticos ou militares -, estamos diante do que se pode chamar de um estado de dominação.” (FOUCAULT, 2004, p.266).

Na Escola Porto Alegre (EPA), identifica-se isso com as marcas mais violentas das histórias de vida dos peregrinos. Por esse motivo foi escolhido como ancoragem teórica o *cuidado de si*, porque propõe para o sujeito suscitar liberações em si que destinam-se ainda a um proveito coletivo e social, pois “a liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade.” (FOUCAULT, 2004, p.267). Questões essas que dizem respeito diretamente ao cotidiano da EPA, quando busca a autonomia ética, moral, além da autonomia nos campos econômico, político e social.

Deste modo, se apresentará a seguir a escola em que se realizou o estágio, devido às suas características próprias para o atendimento de seu público (PPP, 2014). Seus tempos e currículos são adaptados constantemente e criteriosamente

às necessidades das pessoas (SANTOS, 2018), e há uma busca permanente de conexão entre as trabalhadoras e trabalhadores de todos os setores nas estratégias pedagógicas e no cuidado. Logo depois, discorro sobre os sujeitos peregrinos e a condição de desenraizados (MARTINS, 1979).

No capítulo dois, explicita-se o conceito de *cuidado de si* com base em Foucault (2004, 2006) e o que seria a constituição de uma subjetividade ética (GROSS, 2008) livre da obediência, com sua própria *estética da existência* (GALVÃO, 2014). Reflete-se sobre três cenas significativas que projetam o *cuidado de si*, procurando localizá-lo na práxis vivida pela escola, nas maneiras de realizar o trabalho da EPA e na sua capacidade de respeitar o sujeito em sua existência. Isso sem deixar de questionar suas escolhas e atitudes, auxiliando-o na superação de suas dificuldades.

No capítulo três, relaciona-se aspectos do conceito de *cuidado de si* (FOUCAULT, 2006) com a educação Fischer e Marcello (2014). Analisa-se, sob a perspectiva foucaultiana, a relação entre o conhecimento, os discursos de verdade e as práticas de liberdade, tal como algumas práticas pedagógicas eram propostas na EPA com a função educativa do *cuidado de si*, visando a construção emancipatória de si e a liberação dos sujeitos.

Por fim, observa-se elementos presentes na instituição educativa, em que o conceito foucaultiano do *cuidado de si*, pode ser um aliado nesse cultivo e autocultivo do sujeito, priorizando aspectos que vão além da escolarização, acolhendo as histórias dos *peregrinos* e suas demandas. Possibilitando o desenvolvimento de uma *cultura de si*, nas suas vidas, com seus corpos e subjetividade.

1.1 A ESCOLA PORTO ALEGRE (EPA)

A escola foi inaugurada em 30 de agosto de 1995, mas ela é resultado de um trabalho anterior que lhe garantiu as condições políticas de sua criação, isto porque o ambiente político era propício, com a Frente Popular na Prefeitura. Na época, Porto Alegre foi a primeira cidade brasileira a implantar os Conselhos Tutelares e o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. A Escola Municipal

de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA) foi criada nesse momento em que a prefeitura tinha o objetivo de cumprir o estabelecido no ECA (Estatuto da Criança e adolescente), referente a oportunizar o direito à educação desse público que vivia nas ruas do Centro de Porto Alegre. Vale destacar a relevância da EPA, uma vez que esta e a EMEF Meninos e Meninas do Parque (Brasília/DF) são as únicas escolas da América Latina que atende a população peregrina (pessoas que estão em situação de rua ou em vulnerabilidade social).

A escola abre às 7h30 para quem quiser tomar banho e café. A aula inicia às 8 horas e o turno da manhã vai até às 12 horas, sendo que os estudantes podem almoçar e permanecer na escola a tarde nas oficinas de trabalho educativo, a tarde desde que estejam participando regularmente das atividades curriculares. As Totalidades Iniciais (T1, T2 e T3) são atendidas no turno da manhã e as Totalidades Finais (T4, T5 e T6) são atendidas no turno da tarde.

No turno inverso das aulas os alunos podem participar do Núcleo do Trabalho Educativo (NTE). Atualmente o NTE tem duas frentes de trabalho o de Papel Artesanal e de Cerâmica. Entre os objetivos do NTE estão: estimular a auto-organização dos estudantes, desenvolvendo o senso de responsabilidade e a cooperação. Os recursos da comercialização são partilhados entre os estudantes que compõem os coletivos, sendo que um fundo específico é gerido coletivamente pelo grupo e outro administrado em conjunto pelo Conselho Escolar e Direção.

A escola possui também o Serviço de Acolhimento, Integração e Acompanhamento (SAIA) que se constitui como “porta de entrada” da escola. O ingresso de estudantes se dá através de encaminhamentos feitos pelos serviços que compõem as redes de Educação e Proteção na cidade de Porto Alegre, bem como o atendimento de demandas espontâneas trazidas pela comunidade. Este modelo de trabalho pedagógico e de gestão da escola fica bem explicitado por Santos, também diretor da escola, abaixo:

A escola, desde o início de suas atividades, se propôs a desenvolver uma relação dialógica com seus estudantes, considerando todas as dimensões do seu desenvolvimento – o social, o intelectual e o emocional. E olhando-os e escutando-os de maneira atenta, pois a construção do currículo se dá a partir do conhecimento de suas realidades e do entendimento de que os estudantes são sujeitos de suas aprendizagens, capazes de gerar novos saberes que lhes possibilitem uma atuação social crítica e participativa e que reflita na organização dos seus projetos de vida. (SANTOS, 2018. P.44)

Destaca-se que, diferentemente de todas as outras escolas públicas, a matrícula do estudante não depende de um endereço residencial, da documentação do histórico escolar e nem mesmo da identificação pessoal; basta o desejo de estudar e assinar o acordo de convivência. O SAIA, em conjunto com professoras (es), auxilia o discente a conseguir os documentos faltantes, assim como o auxilia a se organizar na vida escolar e pessoal. No SAIA existe um trabalho de professores que hoje contam com o apoio de residentes da saúde mental coletiva da UFRGS, psicóloga, assistente social, educador físico, etc. Este serviço mantém uma parceria constante com equipamentos (órgãos de apoio) de assistência social e saúde. Essas profissionais ajudam os estudantes em diferentes abordagens: na entrada, durante as atividades, na saída da escola e também em ações que servem para organizar a vida do estudante, como ir ao posto de saúde, utilizar o caixa eletrônico do banco, realizar a confecção de documentos, em representações da EPA pelos estudantes, e diversas outras funções que comprovam o compromisso em atender e acolher esses peregrinos.

1.2 OS PEREGRINOS

Era recorrente, na escola e nas aulas, os estudantes contarem suas origens e lugares onde moraram, assim como falarem da necessidade de ter um bom lar, agora que estão em situação de rua, com moradia indefinida ou temporária. Tentando entender as especificidades do público da EPA, numa acepção de sujeitos históricos-culturais, é retomada as considerações do sociólogo José de Souza Martins (2003) sobre essa temática da relação das pessoas com a moradia que, no caso do seu estudo, tratavam do (não) acesso de populações rurais à terra. Martins observa a relevância da moradia e a representação da casa, do lar uma vez que “[...] esses são os demarcadores da consciência do desenraizamento e da consciência do que é o enraizamento” (2003a, p. 23). Essa percepção dos estudantes de não pertencimento, como o autor analisa, comprova a memória e os sentimentos que eles trazem de terem sido arrancados de seus lugares, de terem

sido mandados embora, explícita ou implicitamente, de terem, se não apagadas, manchadas as suas origens e identidades. Se trata de um ato de violência, da perda de um direito básico, o direito à moradia, a partir do qual nosso tipo de sociedade se organiza. Isso significa que não ter uma moradia, um lugar para viver, é estar sobrevivendo dos restos da sociedade, é abrir o campo da vida pessoal, é estar exposto a todo de tipo de preconceito e violência que atinge as ruas. A pessoa fica, além de tudo, impedida de ter acesso a outros direitos e bens da sociedade; sem endereço, por exemplo, não é possível ingressar no mercado formal e nem mesmo se matricular nas escolas regulares. Talvez por isso apareçam tantas dificuldades de construir laços e pertencimentos individuais e coletivos; tudo é frágil, precário e temporário. Na relação com os *peregrinos*, durante o estágio, sentia-se a necessidade de sempre lembrar que eram pessoas de direitos, não só de deveres, demonstrando-se o quanto tinham marcas profundas após enfrentarem as violências de serem expulsos de casa, ou de terem que partir para outros locais para trabalharem e sobreviverem.

Essas marcas negativas provocam uma necessidade dos sujeitos de articular formas de pertencimento, buscando maneiras de se auto afirmarem como pessoas, dignas e merecedoras de respeito, assim como para enfrentarem os problemas da vida. “A identidade é construída nas relações que os sujeitos fazem, quer dizer que conta muito a opinião dos outros na maneira como as pessoas veem a si mesmas”, dessa forma o coordenador pedagógico da EPA, o professor Beto (Paulo Gilberto Klein), inicia a conversa (Anexo II) sobre as origens do termo *peregrino/a*, termo adotado pela população de rua para se autoneamar. Justamente nestas relações com a população de rua e personagens do movimento social que a acolhe, é que surge o termo peregrino/a, mais precisamente com os trabalhos desenvolvidos pela Pastoral do Povo de Rua. Santos (2018) traz, em seu trabalho de dissertação, a caracterização da população de rua, na qual aborda os vínculos estabelecidos da sociedade com essa população, muitas vezes assistencialistas e, portanto, desvinculadas das políticas sociais. Para tanto, faz uso do Decreto Presidencial 7.043/2009 que define, no artigo primeiro, essa população como:

[...] grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados, a inexistência de moradia convencional regular e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite

temporário ou como moradia provisória. (SANTOS,2018 *apud* BRASIL, 2009, p.1)

Segundo o professor Beto, a nomenclatura de peregrino, criada no Movimento Nacional da População de Rua e adotada na EPA, “advém da ideia de que eles são sujeitos nômades, não têm lugar fixo, como se estivessem em busca de algo mais, numa caminhada que transcendessem a si mesmos” (Anexo II). Assim como os peregrinos religiosos que buscam, através de exercícios com longas jornadas empreendidas, alcançar uma sabedoria, uma elevação e às vezes uma salvação da alma. Para ele, “este é um movimento linguístico importante, porque posiciona-os além da identidade de mendigo, de um ser humano marginal” (Anexo II), expressando mais uma vez a preocupação da construção da subjetividade positiva dos estudantes e frequentadores da EPA para além dos estigmas, preconceitos e problemas que eles enfrentam, para além de vê-los como indivíduos fracos, nocivos ou impróprios, em um lugar transitório para muitos: a rua. Por este motivo, no presente trabalho, tratou-se de demonstrar a necessidade urgente de se criar raízes benignas para os estudantes da EPA, ao reconhecê-los como os/as peregrinos/as.

2. O CUIDADO DE SI EM FOUCAULT

No resgate sobre a constituição das *práticas de si* e os jogos de verdade na história ocidental, Foucault (2006) observou que as sociedades grega e romana antigas lançavam um outro olhar para o sujeito, diferente do sujeito moderno - normatizado, obediente - ao desenvolverem a ideia de um sujeito-cidadão, com maior autonomia, que valorizava a sua autogestão e uma preocupação com a liberdade, o ser livre, e para alcançar esta, deveria ter um governo de si ao acompanhar-se em seus princípios éticos e representações sociais através de um conjunto de práticas que representam o *cuidado de si*.

Foucault analisa a constituição da verdade e da subjetividade que compõem a ética dos sujeitos e, diante disso, suas possibilidades de escape e resistência das maquinarias de dominação e padronização dos indivíduos impostos pelo poder moderno. Assim, Gross (2008) diz que o sujeito ético para Foucault é:

[...] o *sujeito* suposto por essas técnicas de si, pelas artes da existência é um eu ético, antes que um sujeito ideal de conhecimento. Isto significa que o sujeito é compreendido como transformável, modificável: é um sujeito que se constrói, que se dá regras de existência e conduta, que se forma através dos exercícios, das práticas, das técnicas, etc. (GROSS, 2008, p.128 e 129).

A ética segundo Foucault (2004, p.267) “é a forma refletida e assumida da liberdade”, daí a indesejada transformação: de um sujeito para o qual o *conhecimento de si* era apenas um pressuposto para o *cuidado de si* na Antiguidade para a subjetivação assujeitada do sujeito moderno, por meio de um saber que, nas relações de poder que estabelece, o transforma em sujeito ideal de conhecimento, normatizado e disciplinado. Foucault relaciona as origens dessa sujeição às práticas cristãs de confissão, onde se encontra, em instituições monásticas, uma relação do sujeito com os *atos de verdade* em que somente é possível ser um sujeito de verdade se se obedecer a um poder exterior. Assim, é dado um alerta: “[...] somente sou sujeito da verdade, no Ocidente moderno, no princípio e no termo de uma sujeição ao Outro.” (FOUCAULT, 2006, p.617). Esse é um grande paradoxo, pois só se é sujeito de verdade, renunciando-se a si mesmo.

Comparando a sociedade moderna - pautada nos discursos de saber-poder-verdade das ciências - com a antiguidade Greco-romana, Foucault atenta que se

perdeu um modo de como se relacionar consigo mesmo e com o mundo. Também modificou-se o modo que se constroem as verdades, uma vez que na Antiguidade o sujeito trabalhava numa relação de confissão de verdade sobre ele mesmo, para si e não para um outro (mesmo levando o outro/mundo em consideração e existindo um amigo/mestre). Desse modo, Foucault retoma esse outro jeito de ser sujeito, quando resgata a relação ética na constituição do sujeito, o que não deixa de exigir dele ainda mais, pois:

Podemos dizer que, em toda filosofia antiga, o cuidado de si foi considerado ao mesmo tempo um dever e uma técnica, uma obrigação fundamental e um conjunto de procedimentos cuidadosamente elaborados. (FOUCAULT, 2006, p.600).

Da fala de Platão ao Alcibiades, da prática da *epiméleia heauthou* (cuidar de si mesmo), se percebe a forte preocupação com a constituição da dimensão ética do sujeito, tendo esta o entendimento de que um sábio se tornaria livre e feliz se praticasse uma auto-soberania. Nas palavras de Foucault, “trata-se agora de ocupar-se consigo, para si mesmo. É preciso ser para si mesmo, e ao longo de toda sua existência, seu próprio objeto” (2006, p.601).

Para Galvão (2014), o *cuidado de si* direcionava o alcance de “[...]cumes de liberdade para agir [...]”, e essa apropriação de si pelo sujeito, conduzindo e alterando sua vida como que fosse o escultor de seu próprio estilo de vida, geraria uma “[...] *estética da existência*, consequência do *cuidado de si* [...]” (p. 167).

Na EPA há uma abordagem nesta orientação com os peregrinos que estimula uma *estética do emergir o que se é*. De modo que, antes de centrar “[...] a atenção na noção de defeitos ou lesão [...].” (PPP, 2014, p.24) dos estudantes, a escola busca criar “...conforme Mantoan (2003), um ambiente de interação, de trocas de saberes, de valorização das histórias de vida e das experiências escolares e culturais de cada um, sem discriminações.” (PPP, 2014, p.24). Essas práticas de respeitar e valorizar o que os estudantes trazem, de acolherem suas histórias de vida, permite que eles mesmos se vejam produtivos, bons em diferentes campos da vida, capazes de fazer de sua biografia, em vez de sua fraqueza, sua capacidade imensa de sobreviver e inventar sua *arte de existir*. A questão da acolhida está

presente nas ações da escola, no trabalho de Santos ele expõe como o acolhimento é assumido pela escola de diferentes formas:

Embora o acolhimento seja entendido como uma postura ética, como poderemos verificar posteriormente, há tempos e espaços da escola que utilizam a palavra acolhimento na sua definição. Quando os estudantes chegam à escola sem ter os documentos necessários para uma matrícula regular, frequentam as turmas regulares, sendo seus nomes inseridos numa Turma de Acolhimento, possibilitando que, mesmo ainda sem toda a documentação necessária, possam ingressar ou retornar ao mundo escolar. Na EPA, aqueles estudantes que por motivos diversos (como de saúde, emocionais ou outros) não consigam ficar na sala de aula, têm a possibilidade de ficarem em acolhimento diferenciado, seja no SAIA, na biblioteca ou em algum outro espaço a ser combinado com a equipe de professores. Desta forma, podemos dizer que nesta escola, a prática do acolhimento, que nomeia serviços e ações, antecedeu a sua própria teorização. (2018, p. 55)

A preocupação que a EPA tem com a inclusão social dos estudantes é grande, eles enfrentam uma notável dificuldade que se aprofundaram ainda mais pela situação de rua. Segundo o PPP, a inclusão “[...] se dá em todos os tempos e espaços escolares [...]” (2014, p.24), isto era observado em como as pessoas circulavam pela escola, com respeito às necessidades de liberdade de socialização e acomodação dos estudantes, sem deixar de ter uma intenção pedagógica - sendo muitas vezes apenas apresentado um outro espaço de trabalho como com a bibliotecária – e uma presença de conexão de trabalho pedagógico entre educadoras (es). Seu marco teórico, baseado em Anton Semionovich Makarenko, reforça essa ideia, uma vez que acredita a “[...] escola como espaço para aprendizagem da coletividade, da democracia, da solidariedade e da autogestão de si e de seu processo produtivo.” (PPP, 2014, p.17). Assim, o conceito do *cuidado de si* poderá ser proveitoso no encontro com este trabalho porque amplia as possibilidade de se estabelecer a autogestão de si, com uma abordagem

emancipatória e filosófica que coloca a pessoa como o agente de transformações de si mesmo, assim como do mundo em que vive.

2.1 RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

O trabalho acredita ser produtivo na resolução dos conflitos aos estudantes da EPA - os conhecimentos de práticas de si que levam a resolverem suas questões e dilemas cotidianas, sem serem anulados/submetidos, ou se anularem e anularem ninguém. Nas *áskesis* - que eram um conjunto de práticas regradas da *cultura de si* - um dos exercícios propostos é dizer: “Ora, de que precisamos para poder manter nosso domínio diante dos acontecimentos que podem produzir-se?”. E mais adiante o texto responde, “O equipamento de que precisamos para enfrentar o porvir é um equipamento de discursos verdadeiros. São eles que nos permitem afrontar o real.” (FOUCAULT, 2006, p. 605).

Fazendo-se uma aproximação do que seria esse discurso verdadeiro e o sujeito desse *lógoi*, Fischer e Marcello (2014) propõem uma “[...] discussão sobre a relação entre sujeito e verdade, a partir do conceito de *parresía* - dimensão que nos conduz a problematizar um tema caro a Foucault (e a educação): a indissociabilidade entre teoria e prática.” (p. 160). Afirmam, ainda, que o cuidado de si e a *parresía* “...nos permitem pensar temas da educação e, para além dela, a nós mesmos.”; mais uma vez ensejando-se a característica de ter uma prática correspondente ao seu discurso e a necessidade de na educação se ter a coragem da verdade, numa busca da autêntica ética da imanência.

CENA 1

Nesta cena será lembrado o dia em que a escola planejou uma adaptação e organizou em equipe novas regras com os estudantes. Sabendo que as regras geram tumulto, os professores em reunião pedagógica anterior definiram precisamente os tempos e pessoas responsáveis pela comunicação nas turmas. O planejamento foi grande, mas o que se destacou foi a preocupação em conduzir o trabalho com as turmas de estágio, pois sabia-se os desafios e limites e, por isso, a direção e coordenação pedagógica estavam atentas e pediram para as professoras

colaborarem no processo. Aquele foi um dia de aprender-se no estágio e não de ensinar. E não foi diferente a reação esperada pela turma, o que se sucedeu:

Diogo³ era o principal contestador: “Ah não sora! Aí fica ruim, eu não vou aceitar isso aí não! É sempre o mesmo engodo, empurrando lei lá de cima. Daí uns podem tudo, outros nada, aí sim vira uma guerra...dá as brigas...a revolta e depois fecham a escola! Eu vou continuar tomando banho no mesmo horário! Por causa de uns não vou me ralar! É sempre a mesma historinha! Isso daí vai dar uma baita confusão! Eu quero ir lá falar com os grandão”. Toda a classe se agita começa uma cochicho de discórdia generalizado, reclamam dos professores autoritários e da gestão. A professora Catiane intervém dizendo que ela estava ali como gestão escolar e que eles podiam confiar nela, pois transmitiria depois o que a turma trouxe, além de auxiliar em possibilidades de demandas e queixas. Diogo concorda que ela é uma pessoa parceira nas suas demandas e na relação respeitosa e conectada com os estudantes. Bah Sôra eu sei quem tu é, tu é ponta firme. Sempre tá aqui por nós! Não dá um elogio aqui e detona nas costas! Mas eu sei direitinho quem é quem aqui! Eu sei quem defende o peregrino e quem tá nem aí!” Catiane deixa alguns segundos eles falarem/reclamarem juntos, mas em seguida combina: “Gente, eu tô vendo que vocês tem uma indignação, e ela é justa de ser ouvida, admito que a direção e os professores se equivocam também, mas a regra no trabalho pedagógico é de se pensar juntos a melhor estratégia pra TODOS. Mas, só que pra gente RESOLVER, eu vou precisar escutar vocês, todo mundo falando junto não dá. Se cada um falar por vez, todo mundo consegue falar e pensar juntos como resolver tá?!” A turma concorda, mas a Catiane foi rápida na sequência dessa escuta, percebia a agitação deles e a necessidade de encaminhar na velocidade mais acelerada. César disse: É isso aí o que acontece com uns certos cabeças da escola sôra, bah não tô falando da senhora!

As combinações geraram atrito na sala, pois não concordavam com as mudanças, com algumas posturas da escola e estudantes. Demonstram medo da EPA ser fechada.

Diário de Classe, 24/04/18

³ Os nomes dos estudantes e professores que aparecerão nas cenas selecionadas são fictícios para preservar suas identidades.

Ver a fala rápida, em tom de voz alto, desorganizada, ofensiva e com certa violência, seriam atitudes que comumente geraria um autoritarismo pela educadora para conter os ânimos e a desorganização da turma. Seria impor no sujeito a heteronomia, mas a professora teve o seguinte perfil de condução:

Diogo: “Ah não! Eu quero ir lá falar AGORA com a direção! Eu quero ver eles falarem isso na minha cara. Eles tão fazendo isso pra acobertar os de sempre. Pra eles tudo, pra nós um errinho e vem com tudo pra cima de nós. Eu quero falar com eles!” Catiane soube dosar a parte que lhe é sua e também a justa indignação: “Olha eu entendo tua insatisfação, mas primeiro eu preciso te escutar num tom mais tranquilo, porque senão eu não te entendo direito e não posso ajudar. Sim às vezes a escola erra, mas ela não está fechada para escutar e nós podemos mudar as coisas, mas tem que ser juntos. Eu preciso te escutar e te entender, preciso da tua ajuda, da ajuda de todo mundo pra isso.” Mas sem deixar a corda esticar (todos preferem ficar reclamando de muitas coisas nem sempre resolutivas, mas de extravasão de emoções) e buscar juntos construir a leitura da realidade: “Gente essas combinações são feitas para não gerar filas e atritos, por que os horários são curtos, o que pede de vocês bastante agilidade, e da escola organização, eu sei que é chato mudar, nem sempre fica melhor para todo mundo, mas o coletivo ainda prevalece sobre o individual.” Celso fala: “Taí a diferença que a gente fala na hora de conversar com nós, de combinar as coisas, é outro patamar...nós não somos tontos. Estamos vendo as coisas acontecendo...precisa ter horários de banho depois da física em vez da entrada! A gente fica fedorento e o povo reclama na sala...” Catiane responde “Pois é eu vou explicar que agora essa é uma ideia muito boa que tu deu e que está nas novas regras! A gente tem que se escutar melhor, e pensar como melhorar, mas temos que ir conversando com os colegas, os amigos, as professoras e professores, pra ver qual é o melhor jeito”.

Diário de Classe, 24/04/18

A atitude de escuta que respeita seus pensamentos e raciocínios, a busca de uma resposta válida aos seus limites e anseios mudaram a dinâmica do resultado do debate. Apesar da indignação os estudantes, diziam o quanto era bom conversar com uma educadora que recebe suas demandas e as entende. Aqui é possível fazer uma relação com a figura do Mestre, amigo, de Foucault no *cuidado de si*, em que

apesar de ser uma *conversão a si mesmo*, existe esta figura de um outro a nos guiar:

É um princípio geralmente admitido que não se pode ocupar-se consigo sem a ajuda de um outro. Sêneca dizia que ninguém é tão forte para se livrar por si mesmo do estado de *stultitia* no qual se encontra: ‘É preciso que se lhe estenda a mão e que se o puxe para fora’, e ainda conclui que “É relevante nesta prática da alma a multiplicidade das relações sociais que podem lhe servir de suporte (FOUCAULT, 2006, p. 603).

O papel de mestre que pretende conduzir o sujeito a uma *consciência de si* mais uma vez acontece, quando a educadora se dispõe a colaborar eles a encontrarem uma solução frente suas pautas, lembrou a eles os mecanismos que eles têm como direito, e também os chamando para o dever de *estar em si* para poder organizar a superação do atendimento de suas necessidades.

Ela disse para Celso e Diogo que eles poderiam conversar com os outros estudantes no intervalo e perguntar propostas para este novo horário de banho, “- porque uma demanda da cabeça de UMA pessoa é muito difícil de se atender numa escola”. Celso é do Conselho Escolar e ela o lembrou disso dizendo que poderia levar as sugestões dos estudantes, disse que era importante anotar para não esquecer e se esse precisasse ajudaria-o a escrever.

Diário de Classe, 24/04/18

2.2 COMO ELES CUIDAM DE SI

Estar em situação de rua impele estar cercado de violência e violações de direitos, tudo é diferente e mais difícil. Nos seus tempos, a noite é momento de vigília, o dia é tempo de descansar e trabalho, lugar em que por vezes a dureza salva seus pertences e sua integridade. Mas a rua não é feita só de perigos e pessoas inimigas, os peregrinos também tem histórias de *cuidado entre si*, também de solidariedade frente às adversidades, dividindo o pouco que tem com seus próximos, ou seja, vendo os outros sujeitos como gente como eles são, já que são tratados muitas vezes como desprezíveis ou invisíveis. E apesar de lhes dizerem que são seres humanos desviados, errados, marginais, de tentarem pelo discurso e pela força dominarem seus tempos e escolhas, eles persistem em sua peregrinação

na busca de ter sua independência respeitada. Desejam fazer ouvir a sua crítica ao sistema social - eles vêem muito mais a cidade funcionando (ou não), enquanto os trabalhadores/as estão encerrados no trabalho -, falar aos corações adormecidos pelo cotidiano e endurecidos pelas prisões internas, que não conseguem desenvolver a alteridade e nem ter empatia com o próximo.

Esse movimento de mergulhar em seus princípios, é que lhe darão os alicerces em sua busca pela superação de dificuldades, e de ter respeitada sua singularidade fazem uma correlação com o *cuidado de si*, segundo Galvão (2004),

Moldar a vida segundo a vontade própria, configura-se num processo de transformação do sujeito em que este busca “purificar-se”, ou seja, abandonar tudo o que torna a vida como algo meramente ordinário e cotidiano como um horizonte fechado para uma única possibilidade. Então homem, amarrado e aprisionado em diversas prisões simbólicas e subjetivas, entra em confronto com forças externas que tentam lhe dobrar e retornar dócil, lapidando, esculpindo sua vida como obra de arte a ser feita e refeita a cada instante. (p.168)

Os peregrinos, quando vão morar na rua, que é um lugar público, ampliam a sua forma de enxergar a si e aos outros em seus direitos e deveres. Então, não se deve pensar que eles não têm seus códigos e princípios que são interessantes, como um senso diferente de coletividade e pertencimento. Essa atitude transborda em novas formas de ser, nos arranjos sexuais, nas vestimentas, na alimentação, produção e tempos próprios. O que faz uma correspondência com o *cuidado de si*, uma vez que estar nas ruas implica respeitar as leis (da rua) dentro de outras leis (jurídicas). Galvão explica o que Foucault fala sobre *estar em si*, quando esta dinâmica das regras do sujeito que corresponde “[...] a uma postura ética diante do mundo em que o indivíduo, antes de agir sobre este, volta-se para si reflexivamente, agindo sobre si e depois sobre o mundo” (2004, p.168).

Por isso, talvez, tenha se quisto trazer o tema da drogadição, na cena a seguir (cena 2), sob duas perspectivas do *cuidado de si*, isso juntamente com as justificativas do sujeito ao defender seus juízos: primeiro, a de um sujeito que assume a sua dependência, mas externa seu autocontrole como direito ao consumo de entorpecentes, lhe dando suas próprias medidas; e segundo, um colega que faz uma leitura de sua vida como uma retomada de si quando se impôs o fim do consumo e o autocontrole de seu vício.

CENA 2

Esta aula aconteceu após um triste incidente de violência contra o professor na saída Pedagógica à Bienal na praça da Alfândega. O aluno Alessandro, do turno da tarde, infringiu a regra da escola e seguiu os estudantes e educadores do turno da manhã no passeio. Ele foi orientado pelo professor Chisto a se afastar. Infelizmente insistiu e, após uma breve discussão, proferiu um soco no professor. Nossos alunos e os estudantes de outras turmas também agrediram o Alessandro na defesa do Chisto. Por isso, neste dia, a aula era atípica, pois nossos alunos estavam com raiva do estudante agressor e com medo da EPA sofrer represálias.

Diogo diz: “A lei da rua é assim, sem carinho”. Eva fala: “Sabe porque fez isso? sabe porque não pensa no dia de amanhã? Por causa da maldita pedra e da maconha. Diogo retruca ela: “Ah, eu fumei ontem, pronto falei, fumo mesmo.”

Ele riu, a Eva balançou a cabeça negativamente. Celso baixou os olhos e a cabeça, ficou envergonhado. O Diogo, de repente, tomou conta da aula e perdemos muito tempo acalmando a turma. Eles estavam muito agressivos e ficamos com medo de “cortá-los”, mas talvez tivéssemos que ter acalmado logo.

Nisso Claudir começa a falar sobre a questão da drogadição. Ele dá uma aula e contém a histeria de Diogo sobre ter vida louca e estar nem aí. Claudir diz: “Não é bonito fumar pedra não, tu desgraça tua vida. Tu perde tudo. Tu perde a tua família, tua liberdade, a tua consciência. Tu vai morar na rua, tu passa fome, violência, tristeza, vai ver teus amigos morrer, tudo isso porque eu fumava pedra. Não é isso aí de bonito o que ele tá dizendo, não. Isso aí é uma desgraça cara, isso daí acaba com a tua vida, tem que se ligar, tem que procurar ajuda. Eu procurei ajuda eu fui para o Hospital Espírita e me internei lá. Agora eu não tô fumando mais, mas eu tô doente, eu tô mal, eu nem sei se eu vou conseguir estudar, eu estou sempre com dor de barriga. Graças a Deus eu parei de fumar e eu rezo para todo mundo parar de fumar a maldita da Pedra, por que isso aí é uma maldição para acabar com a gente.”

Diário de Classe, 02/05/18

Por mais bons exemplos que se for trabalhar com os alunos, desenvolvendo diferentes estratégias de abordagem para que consigam se reorganizar e melhorar

a sua vida, esta é uma busca interna antes de tudo, pois eles não terão sempre a figura de um cuidador ao seu lado em suas escolhas. Por isso, para Foucault, a importância do *cuidado de si* para o indivíduo poder estar em vigília de si: “[...]é preciso ‘ter cuidados consigo mesmo’, acender a luz da razão e explorar todos os recantos da alma.” (2006, p.598). Quer dizer, estar observando-se de perto em suas paixões e seus problemas “[...] designa uma ocupação regrada, um trabalho com seus procedimentos e objetivos.” (2006, p. 600), capaz de oferecer um suporte intelectual, emocional e social para, a partir daí, encontrar saídas e soluções certas e duradouras diante de seus desafios. Talvez não escolhessem a “lei da rua” ou da violência, mas a *lei de si*, que preceitua uma articulação de princípios e condutas de profundo respeito *a si* e aos *outros*.

2.3 LIBERAÇÃO DO SUJEITO

As práticas de liberdade e liberação tem uma relação direta com a ética, já que, segundo Foucault (2004) “A liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela Liberdade.” (p.267). E se quiser-se entender o que os filósofos há muito tentam responder sobre, afinal, “quem sou eu?”, deverá se buscar a verdade a luz de suas representações de bem e mal e livre dos campos das dominações. Isto levaria o sujeito a responder uma problemática ética de “[...] como se pode praticar a liberdade?” (p.267). O autor busca, então, essa compreensão, retomando novamente as *culturas de si* da antiguidade, nas quais a liberdade é vislumbrada:

“O *cuidado de si* é certamente o conhecimento de si - este é o lado socrático-platônico - mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso, a ética se liga ao jogo da verdade. (FOUCAULT, 2004, p.269).

É nesse ponto que Foucault abriga em sua pesquisa acerca dos jogos de verdade subjetividade e liberdade, a potência de buscar recursos de uma *ocupação em si* com vistas à liberação, pois ela não será um direito assegurado pela lei, ela será fruto de um trabalho de si para si. Assim como os peregrinos que instauram

suas maneiras de existir, de resistir frente a normalização e disciplinamento, a EPA, nessa direção, propõe como diretriz filosófica

[...] o diálogo público, social e pedagógico com as ações que envolvam a população de jovens e adultos em situação de rua e vulnerabilidade social e pessoal, considerando o estudante sujeito de suas aprendizagens, respeitando o direito inalienável de ser estudante e cidadão. (PPP EPA, 2014, p.20).

Isso mostra o cuidado que a EPA empenha em ver qual é a necessidade do sujeito que ali está, respeitando suas condições, apresentada numa linha dialógica posto que “O diálogo e a escuta constituem-se formas privilegiadas de favorecer aprendizagens, pois possibilitam o encontro e o (re) conhecimento.” (PPP, 2014, p.21). Esta dialogicidade se empenha em incentivar e em dar condições ao estudante de pensar autonomamente, de falarem sem medo de serem reprimidos por sua condição social e de levar em conta suas motivações em seus acertos e equívocos para ajudá-los a se ajudarem, conforme o PPP apresenta “[...] é a capacidade de resgate da própria voz, do desejo de falar no encontro consigo e com os outros.” (2014, p.21).

CENA 3

Na programação deste dia constava levar ervas, chás e temperos, pois o objetivo era explorar com eles a poesia “Vó benzedeira” da poeta Goimar. Já fazia algum tempo que os estudantes se entusiasmavam nas aulas ao falarem sobre seus aprendizados e procedimentos de cura do corpo e da alma, ligando elementos espirituais e conhecimentos de plantas medicinais. Por isso essa aula foi planejada para potencializar suas referências positivas. A busca de uma referência de si positiva aconteceu:

Ao encerrar a poesia perguntamos quem já foi em benzedeira, Romeu diz que “minha mãe e minha vó eram benzedeira”; Alba Paola fala que quando passa por uma aroeira lembra-se da avó que benzia e ensinou a dizer “Bom dia, boa tarde e boa noite” para não ficar com mau agouro. Ela faz isso até hoje e seus filhos e netos também. Diogo disse que seu pai era pai de santo, quase um preto velho como ele, lá no interior era duro. Disse que sua mãe também era “de religião” e benzia ele e todo mundo que ia na casa deles. Uma mãe de santo de mão cheia. Eva levava sua filha para benzer, e disse que “a mulher falava bem baixinho, que eu nem escutava”. Relatou ter sua filha sido curada de doenças de pele quando bebê, além de ter conseguido acabar com o choro e o “agouro que a Leila tinha na hora de dormir”.

Diário de Classe, 21/05/18

Um destaque no *cuidado de si* que se pode fazer referência nesta cena discorre para o encontro de bons referenciais dos estudantes, de suas verdades sobre como a realidade acontece e suas transformações. Nesta aula, apareceram muitas histórias com origem nas culturas indígena e negra. Apesar de não se falar em raça/etnia, este também foi um tema transversal, pois lembravam as benzedeiros que frequentavam, os seus terreiros, as suas casas, as suas comunidades, e estas tinham suas imagens negras e indígenas como lugar de verdade. Ao terem sido ouvidos e terem respeitados seus conhecimentos e culturas, vivenciaram a potência de *ser o que se é*. Este foi um trabalho pedagógico que possibilitou um pouco mais da afirmação dos *saberes de si*, mesmo que esses se desviem dos padrões de normalização.

Essa disposição dos alunos mostraram o quanto estar atento às suas verdades, à sua consciência de si, não interrompe o vínculo com o outro, ao contrário, a aula se expandia quando eles queriam, ouvir os colegas, somar seus saberes e ver seus saberes valorados. Essa relação expõe o quanto, segundo Galvão,

[...] cuidado de si se constitui como uma ação do sujeito para consigo mesmo, isto, diferenciando-se de um posicionamento egoísta e narcísico, implica, necessariamente, uma ação para com o outro. (2004, p. 159).

Os estudantes queriam contar a origem e os conhecimentos de suas rezas, seus plantios, os efeitos daquela sabedoria que tinham relação direta com o cuidado. Eles resgatavam uma raiz edificadora, colocando-os numa postura de *cuidado de si* e do *outro*, porque todos queriam trocar suas sabedorias, todos queriam ser escutados e falar seus conhecimentos da natureza, de saúde e do componente invisível dessas curas e cuidados. Eles buscavam *em si* a resposta sobre essas preocupações, em suas verdades consagradas para encontrar seus modos de vida. Mas ao mesmo tempo, queriam compartilhar esse saber entre si e com os demais: fizeram chá para seus amigos no intervalo, abençoaram a escola e a sala. A partir desse dia, todos os dias seguintes do estágio tiveram chá no início da aula, o que colaborava na relação afetiva dos estudantes consigo mesmos e com os outros.

3. O CONCEITO DO *CUIDADO DE SI* DE FOUCAULT E AS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO

Nesta pesquisa, partiu-se dos estudos foucaultianos que retomavam a constituição do sujeito histórico da modernidade, assimilando as tramas do disciplinamento e da padronização que obstruem o campo de liberdade social e subjetiva. Assim, Foucault, na busca por responder o que é o sujeito, encontra na genealogia um caminho para compreender em que ou como esse sujeito se constitui:

Queria ver como esses problemas de constituição podiam ser resolvidos no interior de uma trama histórica, em vez de remetê-los a um sujeito constituinte. É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. É isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história. (FOUCAULT, 1979, p.7)

Ao afirmar que ainda que se está muito longe do que seria uma hermenêutica (teoria de interpretar os signos e seu peso simbólico) do sujeito, porque estamos ligados a um sujeito de uma essência verdadeira externa, Michel Foucault observa a possibilidade de aprendizado ao redimensionar a constituição de um sujeito inacabado.

Trata-se, ao contrário, de dotar o sujeito de uma verdade que ele não conhecia e que não residia nele; trata-se de fazer desta verdade aprendida, memorizada, progressivamente aplicada, um quase-sujeito que reina soberanamente em nós (FOUCAULT, 2006, p.608).

A importância desta compreensão se dá pelo fato de o *quase-sujeito* explicitar uma concepção do ser como um ente aberto, modificável, capaz de gerar transformações em si e no mundo, que se questiona na busca de ser coerente com seus princípios. Neste sentido, ganha também importância os processos de liberação

do sujeito, quando supera e ultrapassa uma situação de sujeição, e os de prática da liberdade que o mantém vivo, em terreno fértil, o surgimento e a permanência de outros modos de existir, já que não há garantia *a priori* de se viver em liberdade.

Esta perspectiva lança um outro olhar para a EPA e para o acolhimento aos peregrinos. Uma escola que se ancora no conceito do *cuidado de si*, que envolve o trabalho de estar *consciente de si*, instiga a ampliação de movimentos de liberação do sujeito e o exercício de práticas de liberdade. A intencionalidade é que para

[...] essa sociedade e esses indivíduos possam definir para eles mesmos formas aceitáveis e satisfatórias da sua existência ou da sociedade política. É por isso que insisto sobretudo nas práticas de liberdade, mais do que nos processos de liberação, que mais uma vez têm seu lugar, mas que não me parecem poder, por eles próprios, definir todas as formas práticas de liberdade. (FOUCAULT, 2004, p. 266).

Por isso, Foucault, explicita as transformações no ocidente moderno, do *conhecimento de si* sobrepondo o *cuidado de si*, da ausência de uma *estética da existência*, demonstrando que foram sendo geradas através de práticas de dominação e de sujeição dos cidadãos, este assujeitamento se aprofundou mais intensamente no pressuposto moral-cristão em que “[...] buscar sua salvação é também uma maneira de cuidar de si. Mas a salvação do cristianismo é realizada através da renúncia a si mesmo.” (FOUCAULT, 2004, p.268).

Esse modo de constituir-se, se renunciando, criou um sujeito do conhecimento verdadeiro, ao contrário de como se via antes, de enxergar-se como um ser que não cessou de se transformar na história. Segundo Fischer e Marcello (2014), isto também se transfere para as definições e conceitos da educação e seus discursos da verdade e a ligação com o sujeito, o que torna ainda mais complexo o trabalho na educação, por ali residir “[...] um campo singular: campo de conhecimento, de práticas e de transformação de si.” (FISCHER; MARCELLO, 2014, p.160). Em outras pesquisas Foucault já denunciava a força do discurso científico e o aspecto do poder (1979, p.4):

Neste nível não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas que feitos de poder circulam entre os enunciados científicos;

qual é seu regime interior de poder; como e por que em certos momentos eles se modificam de forma global.

Essa relação de que fala da verdade associada ao enunciado científico e suas implicações nas práticas dos sujeitos, vai contribuir com as respostas procuradas no presente trabalho sobre outras possibilidades da pedagogia e de uma Educação de Jovens e Adultos promotora da autonomia dos sujeitos, que os liberem de *verdades* que os aprisionam. Em uma entrevista dada em 1984, Foucault explica seus estudos sobre o tema da *cultura de si* e a liberdade:

[...] sobretudo nos gregos, para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer [...] e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo. (2004, pág. 268)

Ao cruzar-se aspectos das técnicas do *cuidado de si* e as formas de pensar a educação, encontra-se uma dimensão complexa da relação entre sujeito e o conhecimento de si. Existe o desafio de desenvolver estratégias que se poderia dispor para praticar a liberdade e autocondução na escola. Essa condução a uma associação da verdade ao sujeito. Contudo, é importante se ter o cuidado de evitar a interpretação de que o propósito das *práticas de si*, queria dizer para o sujeito fazer uma busca por uma essência, por uma verdade imutável. No seguinte trecho Foucault explica como, em Sêneca, a verdade era ajustada ao sujeito, e como essas técnicas de autoconsciência deveriam servir aos indivíduos:

Nestas práticas de apropriação do discurso verdadeiro, não se trata de aprender a verdade, nem sobre o mundo nem sobre si mesmo, mas de assimilar, no sentido quase fisiológico do termo, discursos verdadeiros que sejam auxiliares para afrontar os acontecimentos externos e as paixões interiores. (2006,p.639).

O autor aproxima a relação do sujeito ético com as práticas filosóficas, de técnicas de si, em busca da verdade de si e do mundo. Mas novamente alerta não ser uma verdade nata, afirmando ser da postura frente a vida da pessoa que

[...] a questão não está em descobrir a verdade de si mesmo, mas em saber de quais princípios verdadeiros se está provido, até que ponto se está em condições de deles dispor quando necessário. (FOUCAULT, 2006, p.640).

A verdade nessa dimensão vai se dar mais numa construção da relação de si consigo mesmo, naquilo em que se pensa e naquilo que se faz, gerando o que o autor chamou de *etopoiética* - uma verdade que pode ser lida na ação reta; muito mais do que na descrição de um sujeito ideal, um sujeito completo, um sujeito apropriado de uma verdade exterior.

Para Foucault, uma tarefa que devemos conceber com o *cuidado de si* é esta conduta ética sobre um discurso verdadeiro ou *lógos*, de que maneira devemos nos aproximar da verdade e nos ligarmos a ela e ela a nós:

Não se deve, pois, compreender este equipamento como simples quadro teórico, de onde se poderá, quando for o caso, tirar as consequências práticas de que se tem necessidade (mesmo se ele comporta em seu fundamento princípios teóricos, *dógmata* como dizem os estóicos, muito gerais); tampouco se deve compreendê-lo como um simples código, que diz o que é preciso fazer em tal ou qual caso. A *paraskeuê* é um conjunto em que se enunciam, ao mesmo tempo e em sua relação indissociável, a verdade dos conhecimentos e a racionalidade das condutas, mais precisamente, aquilo que, na verdade dos conhecimentos, funda a racionalidade das condutas, e aquilo que, desta racionalidade, se justifique em termos de proposições verdadeiras. (2006, p.639 e 640)

Nessa ligação da ação reta no sujeito da antiguidade, ele trabalhava numa relação de desenvolver o papel pedagógico de professor e aluno de si, pois avalia e constrói a verdade sobre ele mesmo, para si e não para um outro (mesmo levando o outro/mundo em consideração e tendo amigo/mestre). Talvez por isso o “[...] cuidado de si foi considerado ao mesmo tempo um dever e uma técnica, uma obrigação fundamental e um conjunto de procedimentos cuidadosamente elaborados.” (FOUCAULT, 2006, p.600).

Fischer e Marcello (2014), vem colaborar numa vinculação do conceito de *cuidado de si* e ao acesso entre a teoria e a prática na educação, na relação entre sujeito e verdade, e sua constituição ética, através da retomada da *parresía*,

[...] que era marcada por uma palavra viva; ou mais do que isso, por uma palavra que se fazia viva porque, na exata medida de enunciação, o sujeito se produzia. A construção ética de si mesmo é inseparável, pois, de uma *pragmática do discurso*, em estado constante de afirmação, e inseparável de uma atitude de coragem: *parresía* pressupõe, pois, a coragem da Verdade. (p.169 e 170).

Esse não silenciamento das culturas da rua na EPA, com adequações pensadas juntamente com os estudantes, potencializam a fala franca. Pela liberdade da palavra, vão constituir um sujeito ético de sua conduta. Segundo as autoras (FISCHER; MARCELLO, 2014), a *parresía*, foge sob dois aspectos do ato pedagógico atual, em razão de não se tratar de uma transmissão de conhecimentos, “[...] mas, antes, objetiva modificar o ser mesmo do sujeito”, e também “[...] porque implica não a comodidade do saber, mas, antes, a *violência da verdade* [...]” (p.171). Por isso a *parresía* pode ajudar, os peregrinos em sua coragem da verdade, com suas maneiras de ser, a continuar a ser mais ainda o que se é, já que “[...] ela diz respeito ao pacto, ao contrato estabelecido do sujeito consigo mesmo, à forma pela qual o sujeito se liga àquilo que enuncia - fazendo daí valer sua prática de liberdade, em todos os seus riscos e suas consequências”. (FISCHER; MARCELLO, 2014, p.171).

4. CONCLUSÃO

Buscou-se neste trabalho, com o estudo do conceito de *cuidado de si* de Foucault, compreender e colaborar com a ação pedagógica da escola EPA, especialmente na perspectiva da formação de sujeitos capazes de resolver seus conflitos (internos e externos) a partir do estabelecimento e fortalecimento de relações éticas e do exercício de novas práticas de liberdade. Já que a constituição subjetiva do indivíduo desde as estruturas do poder moderno, nos impõe uma visão de sociedade que é dualista e excludente. Isto ocorre por meio da identificação, classificação e hierarquização de seus sujeitos e da sua população: o normal e desviante; o cidadão e o marginal.

O Estado moderno, que combina as estruturas de uma governamentalidade pastoral com as da razão de Estado, aparece como aquilo que ao mesmo tempo enquadra as populações e identifica os indivíduos. A polícia encontra-se no cruzamento deste duplo controle. (FOUCAULT, 2006, p.658).

É comum ver na *população peregrina* o medo das estruturas do Estado, na hora de fazer documentos, de movimentar uma conta bancária, de ter acesso aos serviços públicos de saúde, educação, etc.; pois sabem que irão estigmatizá-los. Ainda que a escola desenvolva, em diferentes espaços e tempos, a noção de sujeito de direito, de pertencimento, que todos possuem a dignidade de ter uma identidade própria, talvez queiram fugir desse controle de seus corpos e dos regimentos do Estado que lhes impõem ora uma personagem vítima, ora desviante. Para Foucault, a saída destas amarras, destes modos de dominação do exercício de poder da modernidade, vai estar em ampliar o foco da ação:

O problema ao mesmo tempo político, ético, social e filosófico que hoje se nos coloca não é o de tentar liberar o indivíduo do estado e de suas instituições, mas de nos liberar, a nós, do estado e do tipo de individualização que ela se vincula. Devemos promover novas formas de subjetividade. (2006, p.659).

Daí que, para o autor, a resistência à submissão habita em novos modos de se relacionar consigo mesmo, uma vez que o Estado vincula o indivíduo à um cidadão definido, classificável e controlável, que assujeitando-se ao disciplinamento não percebe nem a si e nem as capacidades de transformações que pode

empreender. Assim, a resistência ocorre em novas formas de subjetivação, nas quais a ética da imanência, “[...] da vigilância e da distância” (FOUCAULT, 2006, p.660), permitirá a constituição de uma coerência interna capaz de promover a liberdade vislumbrada pelos gregos antigos, tanto de si para si quanto aos outros. Para Foucault, “[...] as práticas de si não são nem individuais nem comunitárias: são relacionais e transversais.” (2006, p.660), de modo que se destaca a maneira como as tramas de verdade, poder e subjetividade são mais conectadas na constituição do sujeito liberado e no exercício de suas práticas de liberdade.

Desse modo, o trabalho educativo com o *peregrino* na EJA pode se ancorar numa inclusão baseada no *cuidado de si*, por meio das *técnicas de si*, com vistas a uma subjetivação libertária. Foucault (2006) discorre sobre a que se determinava, na educação do cidadão da antiguidade, tais *técnicas de si*, localizando a função da autoformação no texto de *Alcíbiades*, em que o *cuidado de si* “[...] se impunha em razão de falhas da pedagogia; tratava-se ou de completá-la ou de substituí-la; em todo caso, tratava-se de dar uma formação” (p.602). Essa perspectiva se aproxima do que a Escola Porto Alegre se propõe como finalidade ao querer:

Tratar o “conhecimento como possibilidade”, uma relação em que todos estão abertos a ensinarem o que sabem, a aprenderem com o outro, a construir hipóteses, e a conhecerem os processos do conhecimento. De acordo com Paulo Freire possibilitar no momento do encontro a construção dos saberes. Esta escola pretende se pautar pelo experienciar, pela participação, pelo fazer individual e coletivo, pelo vivenciar os saberes como fontes de iniciativa, compromisso e liberdade. (PPP, 2014, p.22 e 23).

A intencionalidade da EPA em trazer o estudante para exercitar seus direitos, além dos deveres, fixa o compromisso da escola em não ter o papel só de reguladora, mas de promotora da participação dos educandos nas estratégias de aprendizagem, organização, socialização e atuação político-social. Dessa reunião de objetivos e esforços da escola é que, novamente, encontra-se em *Alcíbiades* o significado da ampliação da concepção de educação oportunizada pelo *cuidado de si*, sendo este cuidado “[...] uma prática adulta a ser exercida por toda a vida [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 602).

A prática do *cuidado de si* é, assim, dividida em três funções pedagógicas: a primeira, de “[...] desfazer-nos de todos os maus hábitos”, no qual o “desaprender” (*de-discere*) é uma das importantes tarefas da cultura de si.”. A segunda, é uma “[...]”

função de luta”, pois “Não se trata simplesmente de formar, para o porvir, um homem de valor. É preciso fornecer ao indivíduo as armas e a coragem que lhe permitirão lutar durante toda a sua vida”; e a terceira, a de que “[...] esta cultura de si têm uma função curativa e terapêutica.”, já que para os gregos antigos “[...] o papel da filosofia é curar as doenças da alma.” (FOUCAULT, 2006, p.602).

De modo semelhante, a EPA, como uma instituição educativa, preocupada com as pessoas e sua formação mais ampla que a escolarização simplesmente, acolhe as histórias dos *peregrinos* e suas demandas. Esta acolhida significa também, junto à eles, desenvolver uma cultura de si, no sentido de cultivar, de praticar, mesmo que na rua, os cuidados consigo mesmo, com suas vidas, com seus corpos e subjetividade, conforme o PPP (2014, p.22) diz: “[...] diversas dimensões humanas, em sua totalidade, o conhecimento (logos), o sentimento (pathos), o corpo (eros) e o simbólico (mytos), de uma forma articulada, integrada e equilibrada [...]”.

A tríade saber-poder-verdade, que antecederam os estudos de Foucault (1979), a genealogia do sujeito (2006, 2004) e suas nuances no campo da educação (FISCHER; MARCELLO, 2014), mostram o quanto o trabalho de dar atenção ao sujeito e na sua relação consigo mesmo, vinculando a verdade a ele, “[...] uma verdade que ele não conhecia e não residia nele[...]” (FOUCAULT, 2006, p.608), sem sintetizar a constituição deste sujeito a uma diferenciação do binarismo de práticas de sujeição ou de práticas libertárias, mas “[...] de discutir o entre-lugar que ambas, e cada uma a seu modo, instauram: no espaço da constituição, o domínio da sujeição; no rastro da transformação de si, a emergência da subjetividade.” (FISCHER; MARCELLO, 2014, p.163), irão precipitar-se nas práticas de um ser cidadão e ser livre. Favorecendo aos *peregrinos* se enxergarem como seres históricos, que produzem (além de reproduzirem) as relações de conhecimento e verdade, e portanto capazes de produzir outras histórias, numa mudança maior de vida, pois:

Trata-se, [...], de dotar o sujeito de uma verdade que ele não conhecia e que não residia nele; trata-se de fazer desta verdade aprendida, memorizada, progressivamente aplicada, um quase-sujeito que reina soberanamente em nós. (FOUCAULT, 2006, p.608).

Por fim, para pensar-se a liberação do sujeito e o exercício das práticas de liberdade empreendidas na escola EPA com os *peregrinos* e *peregrinas*, “que viabilizem a organização de projetos de vida” (PPP, 2014, p.21), pode-se refletir nas seguintes perspectivas: a constituição de uma *ética da imanência* do sujeito - sendo essa a capacidade de equilíbrio entre o interior e o exterior da pessoa; (das verdades do sujeito e como ele as vive no cotidiano) - e do *cuidado de si* e da preservação de uma vida mais livre, seja das representações de bem e mal, seja das paixões e vícios; do arbítrio de escolher as maneiras de viver, de ser o que se é.

REFERÊNCIAS

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PORTO ALEGRE. **Projeto Político Pedagógico**. Porto Alegre, 2014.

FISCHER, R. M. B.; MARCELLO, F. de A. **Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito**. Pro-Posições | v. 25, n. 2 (74) | p. 157-175 | maio/ago. 2014

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo. Ed.Martins Fontes, 2006.

_____. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro. Ed.Graal, 1979.

GALVÃO, Bruno Abílio. **A ética em michel foucault: do cuidado de si à estética da existência**. Intuitio. Porto Alegre, v. 07, p. 157-168, 2014.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-7590199500030000> Acesso em: 20 set. 2018.

GROS, Frédéric. **O Cuidado de Si em Michel Foucault**. In: RAGO, Margareth (Org.); VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). Figuras de Foucault. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

KLEIN, Paulo Gilberto. **A origem da autonegação Peregrino**. Porto Alegre, 2018.Trabalho de Conclusão de Curso UFRGS/FACED: O *cuidado de si* em

peregrinos da EJA, Anexo dois, p.43, 2018. Entrevista concedida a Joana Alves Stedile.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo.Ed.Lech,1979.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SANTOS, Renato F. dos. Dissertação Mestrado: **O Acolhimento Da População Em Situação De Rua: A Experiência do Núcleo de Trabalho Educativo da Epa**.Dissertação(Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://sabi.ufrgs.br/F?func=findb&request=renato+farias+dos+santos&find_code=WAU>. Acesso em: 20 out. 2018.

STEDILE, Joana Alves. **Diário de Classe: Estágio Curricular Obrigatório**. Faculdade de Educação - Licenciatura em Pedagogia. UFRGS. Porto Alegre, 2018.

APÊNDICE A - TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO



FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED
Licenciatura em Pedagogia

Como Trabalho de Conclusão da Graduação Curso de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Educação da UFRGS, esta pesquisa, orientada pela professora Dra. Denise Maria Comerlato, tem como objetivo trazer as contribuições do conceito do *cuidado de si* de Michel Foucault para o trabalho com estudantes peregrinos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre – EPA. A coleta de dados envolverá pesquisa bibliográfica e documental sobre escola (Plano Político Pedagógico e outros arquivos disponibilizados pela instituição), um Registro de Conversa com o Coordenador Pedagógico e o Diário de Classe do Estágio Curricular Obrigatório da autora, não envolvendo diretamente os estudantes da EPA. Nos excertos do Diário de Classe a serem utilizadas na pesquisa, serão preservadas as identidades dos estudantes.

Desse modo, solicitamos autorização para realizar a consulta dos documentos da Escola e para nominar, neste estudo, a Instituição.

A instituição do estudo será claramente informada de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados à pesquisa.

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios de ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos realizados oferece riscos à dignidade da instituição.

Através deste trabalho, esperamos contribuir para a Educação de Jovens e Adultos e para o desenvolvimento do trabalho da própria escola.

Agradecemos a colaboração da Instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

Data

Profa. Dra. Denise Maria Comerlato (FACED/UFRGS)

Concordamos que a instituição seja explicitamente referida no presente estudo.

Escola : _____

Responsável: _____

APÊNDICE B – ENTREVISTA
Entrevistado o Coordenador Pedagógico da EMEF Porto Alegre: Paulo
Gilberto Klein

A origem da autonegação Peregrino

Pergunta da autora: Qual a origem da autonegação peregrino?

A identidade é construída nas relações que os sujeitos fazem, quer dizer que conta muito a opinião dos outros sobre como as pessoas veem a si mesmas. Os termos que as pessoas da rua adotam para se identificar (diferentemente de estigmas nocivos) muitos são externos, são nomes que vem de fora desses grupos, de pessoas que atuam na busca de assegurar direitos e socialização profícua. Assim a Pastoral do Povo da Rua exercendo trabalhos com essa população suscitou o nome *peregrino* (ou *pelegrino* conforme a hipercorreção feita entre alguns alunos), isto advém da idéia de que eles são sujeitos nômades, não têm lugar fixo, como se estivessem em busca de algo mais, numa caminhada que transcendessem a si mesmos. Este é um movimento linguístico importante, porque posiciona-os além da identidade de mendigo, de um ser humano marginal. Até o ano de 2005 a maioria de estudantes na EPA eram adolescentes e se nomeavam como meninos de rua, recusando-se a serem chamados de mendigos. Contudo essa recusa de uma marca ruim é fruto de influência que um grupo (como a Pastoral do Povo da Rua) exerce sobre outros, por isso que o Padre Lancelot após criar o termo *povo da rua* é adotado por essa população. A grande questão gira em torno da identidade, tu estás na rua, mas tu é gente, a tua identidade é maior que tua condição da rua. Assim há uma complexidade, pois a rua que era para ser um lugar transitório se torna sua raiz, dificultando o estabelecimento de um referencial. Apesar de serem identidades construídas a partir de outros agentes, ainda assim não é unilateral e os peregrinos estão juntos nesses processos. Muitos não têm perspectiva de futuro sendo dito algumas vezes por estudantes da EPA: “Se eu morrer hoje, amanhã faz dois dias”. Isto muda de figura quando conseguem se vincular a alguns projetos que os recebem. A origem do termo peregrino é de São Paulo/SP através dos trabalhos da Pastoral do Povo da Rua. Sobre as questões de caráter sociais e de construção da identidade, é muito humano vermos uma elaboração do “eu” em oposição ao “outro”, ao adotar o nome de peregrinos geraram uma outra referência, a de não

mendigos e bandidos, em função disto existe um cuidado com essa população para que não haja divisão entre eles por “castas”. Para cuidar dessa socialização existe na escola uma forte rede estruturada que atua com todos trabalhadores e trabalhadoras da escola (concurados e terceirizados), que conta com o a direção, a coordenação pedagógica e o SAIA (O Serviço de Acolhimento Integração e Acompanhamento), o NTE (Núcleo do Trabalho Educativo da EPA), entre outros projetos desenvolvidos em parceria como o jornal “Boca de Rua” ou os cartões postais do “Cara de Rua”.

O cuidado de si é um tema importante para a escola, muitas vezes eles tem que fazer uma diversidade grande de atuação com os discentes, pois ou não foram ensinados a cuidarem de sua alimentação, higiene, medicação, trabalho, socialização, segurança e saúde, ou sofrem de processos de recaídas de drogadição o que dificulta bastante sua organização pessoal e socialização. Para acolher e assegurar sua matrícula e convivência na EPA eles dependem de uma ação intencional maior que apenas um educador convencional desempenharia. Existe uma parceria grande do corpo docente com todos os funcionários para desenvolver atividades que sejam potencializadoras, como por exemplo em casos de abstinência em que a pessoa está desassossegada a escola propõe atividades paralela para aquele período, até porque eles têm aflição quando não podem vir na aula ou na EPA. Às vezes esse cuidado se dá na atenção de lembrar e ofertar as medicações de uso contínuo que estudantes fazem durante seu desjejum na escola, por exemplo, isso gera uma socialização e aprendizagens mais eficientes. Esse *cuidado de si* acontece em coletividade, é pensado em grupo com educadores e funcionários, atentos ao comportamento para ajudar eles a se cuidarem.